

# AGUSTINA BAZTERRICA

## AS INDIGNAS



TUSQUETS  
EDITORES

EXCERPTO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO - VENDA PROIBIDA

AGUSTINA  
BAZTERRICA

# AS INDIGNAS

*Tradução*

Sandra Martha Dolinsky

TUSQUETS  
EDITORES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Agustina Bazterrica, 2023  
Copyright da tradução © Sandra Martha Dolinsky, 2026  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *Las indignas*

*Preparação:* Luana Negraes  
*Revisão:* Bonie Santos e Laura Folgueira  
*Projeto gráfico:* Jussara Fino  
*Diagramação:* Márcia Matos  
*Capa:* adaptada do projeto gráfico original de Companhia  
*Ilustração de capa:* Anna Aguiar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bazterrica, Agustina  
As indignas / Agustina Bazterrica ; tradução de  
Sandra Martha Dolinsky. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.  
144 p. : il.

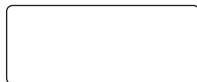
ISBN 978-85-422-4281-2  
Título original: *Las indignas*

1. Ficção argentina 2. Horror 3. Distopia I. Título II.  
Dolinsky, Sandra Martha

26-1464

CDD Ar863

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção argentina



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo  
e outras fontes controladas

2026  
Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Planeta do Brasil Ltda.  
Av. Paulista, 854, 2º andar - Bela Vista  
São Paulo - SP - CEP 01310-913  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Alguém grita na escuridão. Espero que seja Lourdes.

Coloquei baratas no travesseiro dela e costurei a fronha para que não consigam sair facilmente, para que fiquem andando embaixo de sua cabeça ou sobre seu rosto (tomara que entrem em seus ouvidos e façam ninho nos tímpanos e ela sinta os filhotes machucando seu cérebro). Deixei buracos mínimos para que escapem aos poucos, com esforço, como fazem quando as capturo (as prendo) entre minhas mãos. Algumas mordem. Têm esqueletos flexíveis, achatam-se para passar por orifícios muito pequenos, vivem sem cabeça por vários dias, podem ficar embaixo d'água por muito tempo, são fascinantes. Gosto de fazer experiências com elas. Eu lhes corto as antenas. As patas. Espeto agulhas nelas. Esmago-as com um copo de vidro para observar com atenção essa estrutura primitiva e brutal.

E as fervo.

Queimo.

Mato.

Escrevo com esta pena diminuta e apontada que guardo zelosamente na barra de minha camisola branca, com a tinta que esconde no piso, embaixo das tábuas de madeira. Nestas folhas que esconde entre minha pele e uma faixa que confeccionei para segurá-las, quando é preciso levá-las comigo, perto do coração, embaixo da túnica cinza, esta túnica que antes era usada pelos homens que viveram aqui. Achamos que eram sacerdotes, monges, religiosos. Homens austeros que escolheram viver como na Idade Média. Homens que estão mortos, e algumas dizem que podem ser vistos de soslaio na escuridão. Corre o rumor de que quando chegaram da terra arrasada, do mundo colapsado, nem Ele, nem a Irmã Superiora encontraram celulares ou computadores.

Um grupo de escolhidas entrou na Capela da Ascensão. Eram três Santas Menores que foram conduzidas ao altar. Apoiavam as mãos nos ombros das servas que as guiavam. Eram lindas como só pode ser quem foi tocado por Deus. O ar ficou impregnado de um aroma doce e fresco. O cheiro do misticismo.

O sol iluminou os vitrais, e a Capela da Ascensão ficou cheia de pequenas joias translúcidas que formaram um mosaico efêmero.

Uma nuvem cobriu o céu e as cores transparentes se dissolveram, mas notamos, com absoluta clareza, que corria um fio de sangue pela face de uma das Santas Menores e manchava sua túnica branca. Todas soubemos quem havia costurado tão mal os olhos dela antes da cerimônia. Mariel. A inútil e impotente Mariel, que limpava as palmas das mãos na túnica cinza e estava com os olhos brilhantes enquanto nos fitava com cara de aflita. Fico pensando qual terá sido o nome anterior de Mariel.

A Irmã Superiora estava no escuro, na lateral do altar. Víamos uma de suas botas pretas dando batidinhas imperceptíveis na madeira clara do piso. Botas de guerra, como as calças que usa, pretas, de militar, de soldado. Não dava para ver se estava com o açoite do lado do outro pé, que permanecia no escuro. Sabíamos que Ele também estava no altar, atrás do biombo de madeira, essa estrutura de três folhas que nos impede de vê-lo. (As únicas que têm o privilégio de olhar para Ele são as escolhidas e as Iluminadas.) Ele falou. Ele disse que, para que cheguemos a ser Iluminadas, temos que nos desapossar de nossa origem, do Deus errôneo, do filho falso, da mãe negativa, das ideias triviais, da imundice noturna que se arrasta de maneira imperceptível e lenta por nosso sangue.

Olhei as veias de meus pulsos e, com um dedo, toquei uma linha azul.

Purificar.

Chamou-nos de indignas, como todas as vezes, como faz quando nos reunimos na Capela da Ascensão a cada três ou nove dias (nunca sabemos exatamente quando vão nos convocar). Pronunciou outra vez a palavra “indignas” e houve uma reverberação nas paredes de pedra, como se sua voz tivesse o poder de mobilizar o inerte.

As Santas Menores cantaram o Hino Primário, o original, um dos mais importantes, o hino com o qual confirmam o toque da divindade. Não entendemos o que dizem, é uma linguagem que só as escolhidas conhecem. Ele nos explicou, mais uma vez, que o hino fala de como nosso Deus, por meio das Iluminadas, nos protege da contaminação, proclama que “sem fé, não há amparo”.

Depois de um silêncio dramático, as Santas Menores continuaram cantando. Vi milhares de pétalas brancas saindo da

boca das Santas e tomando o ar, pétalas de lírio que cintilavam até desaparecer. Elas têm vozes capazes de entoar as notas universais, de vibrar com a luz das estrelas (por isso seus olhos são costurados, para que não se distraiam com as coisas mundanas, para que possam captar as reverberações que nosso Deus emite). Os Cristais Sacros pendiam do pescoço delas como símbolo e certeza de sua santidade. Os quartzos da pureza, transparentes. Usavam túnicas de um branco brilhante, sem uma única mancha. Nós as escutamos em silêncio, extasiadas e com alívio, porque a música a cappella nos fez abstrair do som dos grilos, esse som que parece uma fúria que faz adormecer.

Continuaram cantando o Hino Primário até que as três sangraram ao mesmo tempo. Mariel sufocou um grito e arrancou uma mecha de cabelo. Todas olhamos para ela, detivemos o olhar em sua cabeça quase calva. Quando chegou, ela tinha todo o cabelo e estava limpa de contaminação, por isso não foi destinada como serva. Não entendíamos por que ela insistia em se desfigurar. Algumas de nós sorrimos de prazer porque Mariel receberia um castigo exemplar. Outras esconderam o rosto nas mãos simulando uma oração, para ocultar o deleite.

As Santas Menores continuaram cantando no altar, mas perdemos a concentração pensando em qual de nós seria a escolhida para limpar o sangue do chão, quem teria que passar a noite toda curando e costurando de novo os olhos das Santas Menores e quem castigaria Mariel. Fazia muito tempo que eu tinha um castigo exemplar em mente. Juntei as mãos e supliquei para que me coubesse aplicá-lo.

Uma das Santas Menores desmaiou, e as servas a arrastaram pelos braços e a levaram aos aposentos das escolhidas. A Irmã Superiora se levantou no meio do altar e fez um sinal para que nos retirássemos. Ele continuava atrás do biombo, ou era

o que acreditávamos, porque nunca podemos ver quando sai. Não sabemos como Ele é. Algumas dizem que é tão lindo que dói olhá-lo; outras, que tem olhos como espirais descendentes, olhos de perturbado. Mas são todas suposições, porque nós, as indignas, nunca o vimos.

Nós nos levantamos em silêncio, contendo a ira, disfarçando a raiva, porque nem sempre é possível escutar as Santas Menores cantarem. São frágeis e algumas não toleram o peso das palavras sagradas que entoam (essas palavras que fazem com que não percamos a conexão com nosso Deus), não resistem ao vislumbre do sacro resplendor na escuridão.

Coube a mim limpar o chão e perdi a decisão sobre que castigo exemplar será aplicado a Mariel. Corre o rumor de que terá que se despir e Lourdes vai cravar-lhe uma agulha em alguma parte do corpo. É uma boa punição. Simples e elegante. Queria eu ter tido essa ideia, mas Lourdes pensa nos melhores castigos. Sempre preferem os dela.

Limpar o sangue das escolhidas foi minha oferenda e o sacrifício exigido pela Irmã Superiora.

A Capela da Ascensão estava na penumbra, mas eu havia acendido algumas velas para poder ver as manchas vermelhas no chão. As chamas se moviam e a luz que projetavam criava formas nas pedras, desenhos que dançavam na escuridão.

O sangue das Santas Menores (como o de todas as escolhidas) é mais puro, por isso as servas não podem limpá-lo. Eu o toquei devagar, tentando sentir a leveza, o despojo dos pensamentos impróprios, subterrâneos, os resíduos de uma terra de origem que se diluía e o regozijo de fazer parte de nossa Irmandade Sagrada. Levei o dedo sujo de sangue à língua e senti o gosto de insetos alados e uivos noturnos. Soube que uma das Santas Menores vai morrer. Alegrei-me, porque quando morre

uma escolhida, organizam-se os funerais mais belos. Dessa vez, tenho que conseguir ser escolhida.

Enquanto limpava, uma das Auras Plenas entrou como se flutuasse e se sentou em um banco. Não me viu no chão, ajoelhada. Embora soubesse que não podia me ouvir, fiquei quieta, estática, porque nunca havia visto uma dessas escolhidas. Pude reconhecê-la pelas marcas nas mãos e nos pés, pelo quartzo transparente que pendia em seu peito (o quartzo das escolhidas) e pela túnica branca, translúcida. O cabelo comprido cobria suas orelhas inúteis, os tímpanos perfurados. Os sons não podem desconcentrá-las. Há poucas, disseram-me. Ela mexia as mãos, tocando algo no ar.

As Auras Plenas são capazes de decifrar os sinais divinos, os signos escondidos que Ele nos comunica na Capela da Ascensão. Por isso têm as marcas, porque compreender as mensagens de Deus deixa sinais no corpo (feridas na pele frágil, chagas que nunca se curam) para que não esqueçam Sua presença. Parecia irradiar uma luz capaz de invocar os anjos. Semicerrei os olhos e pude ver, na penumbra, a aura que a coroava. Era um resplendor perfeito, em volta da cabeça tinha lanças de fogo que vibravam com vontade própria. Fechei os olhos, deslumbrada, e senti que ela vivia em um tempo imaculado onde não existe dor.

Começou a declamar. Sua voz tinha a ressonância do estalido de um cristal. Não consegui entender a linguagem enlouquecedora, fragmentada. A Irmã Superiora entrou rápido na Capela da Ascensão, com passos como socos, e a levou pelo braço. As escolhidas (~~as mutiladas~~) vivem atrás da Capela da Ascensão, em aposentos aos quais não temos acesso. Os únicos que podem entrar são Ele, a Irmã Superiora e as servas que lhes atendem. Alguém deixou a porta aberta e a Aura Plena escapou, mas a Irmã Superiora foi gentil, porque não se pode

acordar uma Aura Plena que declama. O fio que as conecta com nossa realidade pode se romper e deixá-las presas na Dimensão Intangível, esse lugar que fica atrás do ar. Isso só aconteceu com duas escolhidas, que nunca mais vimos.

Alguma serva será castigada por deixar a porta aberta. A Irmã Superiora vai cuidar de fazê-la gritar.

A Irmã Superiora me olhou com raiva, mas baixei a cabeça, como se espera que façamos em sua presença, diante de seu tamanho. Não queria encontrar aqueles olhos que escondem uma tempestade de gelo.

Acabei de limpar e me dirigi à cela; antes, andei pelos corredores e desviei para ver a porta preta entalhada. Não havia ninguém e me aproximei para tocar a madeira. Atrás fica o Refúgio das Iluminadas. Não vivem com as escolhidas porque são o tesouro mais precioso da Irmandade Sagrada (~~por isso não as mutilam como às Santas Menores, às Diáfanas de Espírito e às Auras Plenas~~). O corredor é longo, longe das celas onde as indignas dormem. É iluminado por velas que as servas trocam todas as noites. Nesse corredor há celas vazias e, no centro, fica a porta à qual só as Iluminadas têm acesso.

Eu sabia que tinha pouco tempo, que estava arriscando, mas acariciei as asas do anjo levando o cálice, as pétalas dos lírios, as penas do rouxinol. Enquanto imaginava o dia em que me consagrariam Iluminada (~~e não escolhida, não quero ser escolhida~~), o dia em que me dariam o Cristal Sacro e essa porta se abriria para mim, escutei um pranto como um miado e, depois, um grito aplacado, um grito como um rugido, um rugido como um lamento silencioso de um animal à espreita. Afastei-me da porta e saí correndo.

Não posso contar a ninguém que vi uma Aura Plena. Se contar, as indignas vão me acusar de coisas que não fiz, por não terem sido elas as receptoras do milagre, por eu ter tido a ousadia de compartilhar o prodígio. A Irmã Superiora vai me mandar à Torre do Silêncio, perto do Claustro da Purificação. A Torre do Silêncio (esse lugar que tememos), construída com pedras, colada ao muro (achamos que serviu de posto de vigilância aos monges), com pequenas janelas sem vidro, é altíssima e circular, tão alta que é preciso esticar o pescoço para ver onde termina, com oitenta e oito degraus de pedra fria que formam uma escada em caracol.

Eu seria abandonada lá, sem água nem comida, sozinha, à intempérie, com o barulho dos grilos, esse som que hipnotiza, etéreo e assustador. Longe da Casa da Irmandade Sagrada.

Acompanhada de ossos que brilham na escuridão.

Escrevo em minha cela sem janelas, às chamas de velas que se consomem rápido demais. Com uma faca que roubei da cozinha, pouco a pouco, rasgo a parede para criar uma pequena fenda para que entre ar, luz.

Escondo estes papéis entre os lençóis, embaixo das tábuas de madeira do piso. Quando quero preservar a tinta que os monges deixaram, furo-me com agulhas para usar meu sangue. Por isso há manchas mais escuras, um vermelho mineral. Às vezes, faço tinta com carvão ou com plantas e flores que colho, mas é perigoso. Como também é perigoso escrever isto, neste instante, neste lugar, mas o faço para lembrar quem era antes de chegar à Casa da Irmandade Sagrada. O que fiz, de onde vim, como sobrevivi? Não sei, algo se partiu em minha memória e não me permite lembrar.

Queimei muitas páginas, as páginas proibidas que falavam dela, a que está enterrada na área das insurgentes, das desobedientes: Helena.

A névoa veio das terras arrasadas, do mundo aniquilado. É fria, tem a consistência pegajosa das teias que as aranhas tecem, mas se desmancha em nossos dedos quando a tocamos. Algumas tiveram reações na pele, coceira, dores fortes. A pele de uma serva mudou de cor. Não a vimos mais.

É difícil respirar.

Faz dias que nós, as indignas, aumentamos os sacrifícios, porque as escolhidas interpretaram os sinais de nosso Deus e as Iluminadas anunciaram que “sem fé, não há amparo”. As Iluminadas preveem as catástrofes. São as únicas que podem conhecer o nome de Deus. Para o resto, é impronunciável, porque é preciso aprender o idioma secreto, que se esconde como uma serpente branca que devora a si mesma. Falar esse idioma é como se rasgar, uma música feita de estilhaços, como guardar escorpiões na boca.

É difícil nos mexermos, mas cumprimos os sacrifícios para mitigar o mal que a névoa causa. Algumas se mortificam com jejuns, outras caminham de joelhos. Lourdes ofereceu o sofrimento de se sentar sobre vidro.

O sol parece eclipsado. Sua luz não tem brilho, os raios não iluminam, não nos dão calor. Parece que vivemos em uma noite eterna.

Sem fé, não há amparo.

As Iluminadas disseram que devemos continuar com os sacrifícios; do contrário, o ar vai se petrificar e morreremos fossilizadas

na névoa. Confiamos nas mensagens das Iluminadas porque elas têm todas as virtudes das escolhidas. São emissárias da luz e, por isso, têm a voz etérea das Santas Menores, a visão profética das Auras Plenas e a escuta perfeita das Diáfanas de Espírito. São as mediadoras entre nós e a divindade ancestral, o Deus oculto que existe desde sempre, que é anterior aos deuses criados pelos homens.

A Irmã Superiora grita pelos corredores: “Sem fé, não há amparo”. Tossimos. Cuspimos saliva branca, trememos de frio. A temperatura caiu ainda mais. Tememos pelos cultivos da horta com que alimentamos as escolhidas e as Iluminadas.

Escrevo coberta com uma manta, perto do pequeno calor de uma vela. Escrevo com meu sangue que ainda está quente, que flui. Meus dedos doem por causa do frio. Nosso sacrifício é importante. Nossa abnegação contribui para resguardar a Casa da Irmandade Sagrada. Somos mulheres jovens, sem marcas de contaminação, sem essa velhice prematura das servas, sem essas manchas no corpo, temos todo o cabelo e os dentes, sem caroços nos braços nem escaras pretas na pele. Algumas indignas ofereceram o martírio de limpar as pústulas das servas. Não conseguem disfarçar a cara de nojo, o desprezo, imolam-se em silêncio.

Faz três dias que respiramos a névoa.

Algumas começaram a duvidar da efetividade dos sacrifícios. A Irmã Superiora as fez gritar.

Dormimos no refeitório porque lá o calor se conserva melhor com o teto baixo e as janelas pequenas. As servas acenderam uma fogueira no centro para evitar que congelemos. No piso de lajotas vermelhas. Afastamos as mesas que, normalmente, ficam de frente umas às outras e dormimos nos colchões que levamos das celas.

Deixamos que as servas durmam conosco, não queremos que morram de frio, precisamos que nos sirvam. Não sei como dormem as escolhidas e as Iluminadas, mas são nosso bem mais precioso, por isso não tenho dúvidas de que cuidam delas.

Coube a mim dormir ao lado de Mariel, que sorria porque a névoa adiou o castigo que Lourdes ia lhe aplicar. Em sussurros, ela me disse que María de las Soledades contou que Lourdes falou que arrancam os dentes e a língua das Iluminadas porque emitir o nome de Deus requer um vazio. Também me confessou que outras contaram que escutaram gritos atrás da porta preta entalhada, do Refúgio das Iluminadas. Eu também julguei escutá-los. Prantos agudos, gritos contidos. Mariel também me disse, contradizendo-se, que as Iluminadas praticam mordendo pregos ou mastigando vidros. Não acredito que nada disso seja real. Ou pode ser que seja, sim, ninguém sabe a verdade sobre elas (uma vez que são escolhidas como Iluminadas, não as vemos mais). Só sabemos que são poucas e que ser Iluminada é a máxima aspiração e a maior responsabilidade. Graças a elas, o veneno que corre pelos rios subterráneos, a peçonha que se aloja nos tecidos das plantas, as toxinas que o vento carrega de um lugar para o outro não infectam nosso pequeno mundo.

Estão atrás da porta preta entalhada, protegidas, e só Ele pode tocá-las.

A névoa está cada vez mais densa. A Irmã Superiora nos chamou para que ofereçamos expiações de sangue. Flagelações, cortes, chicotadas para que nosso Deus nos proteja, para que a névoa não nos mate, para que as catástrofes naturais deixem de fustigar a Casa da Irmandade Sagrada.

Depois de oito dias, a névoa evaporou, desintegrou-se. A temperatura aumentou. Voltamos a dormir em nossas celas. No centro do refeitório, ficou uma mancha preta das fogueiras. As servas não conseguiram limpá-la.

Correm rumores de que perdemos alguns cultivos da horta, de que morreram alguns grilos, mas não todos.

Estou com as costas marcadas das chicotadas que Lourdes me deu, porque a Irmã Superiora estava ocupada com outras indignas.

Sei que Lourdes desfrutou cada instante. Ela tentou disfarçar, mas vi o brilho em seus olhos. Também bateu em Mariel com um açoite que a Irmã Superiora lhe deu. E, enquanto a açoitava, dizia que esse não era seu castigo, que o castigo chegaria em breve. Muito em breve.

Não bastaram meus sacrifícios. Lourdes teve que me açoitar. Sem fé, não há amparo.

Agora que a névoa deixou de ser uma ameaça, fui verificar as armadilhas para os animais que colocamos no meio das árvores, naquele espaço que começa quando acaba o jardim. Talvez seja uma pretensão pensar que aquele lugar é um bosque, mas assim o chamam na Casa da Irmandade Sagrada.

Às vezes, para preservar os poucos animais que temos (que nunca vi), as Iluminadas e as escolhidas comem a pouca carne de uma lebre, que antes uma serve prova para ver se está contaminada. Há muito poucas lebres e a maioria é defeituosa. Às vezes lhes falta uma orelha, como se a natureza não tivesse ímpeto suficiente para criá-las completas. Ou lhes falta uma pata. Ou um olho. As armadilhas estavam vazias. Sabemos que com os grilos que a Irmã Superiora cria temos as proteínas necessárias.

Mas nos cansamos de comer seus corpos mínimos e crocantes, apesar de limpos, sem veneno, graças às Iluminadas. Sem fé, não há amparo. Enquanto elas comem maçã, cenoura, repolho, alimentos frescos, nós comemos sopa de grilo, pão de grilo, sanduíche de grilo, grilo com cúrcuma, grilo picante, grilos com todas as especiarias guardadas há anos pelos monges. Já não sinto suas patas na língua. Nem as antenas, mas sinto o som dos grilos em minha boca. É áspero, perigoso.

Julguei ver uma silhueta humana, sombras entre as árvores. Algo ou alguém que se escondia. Talvez seja uma errante que conseguiu entrar escavando o muro, mas não fiquei para descobrir, porque não posso correr o risco de me contaminar.

Já não lembro quando aconteceu: uma errante conseguiu subir no muro sem cair. Mas não consegui descer. Levamos uma escada e a observamos descer com cuidado. Quando chegou ao solo, afastamo-nos e a Irmã Superiora disse a ela que teria que ir para o Claustro da Purificação, que a seguisse. Notava-se que estava faminta, fraca. Olhava para nós sem entender, com uma expressão que podia ser de medo ou de repulsa, porque era evidente que falava outro idioma, mas não disse nada. Por fora parecia inteira; tinha todo o cabelo, nenhuma marca. Passamos pelo cemitério com lápides antigas, aquelas que têm os nomes dos monges. Ela tropeçava, caminhava com dificuldade. Ninguém queria levantá-la.

Chegamos ao Claustro da Purificação, uma casinha cercada de árvores, edificada perto do muro e isolada. É o lugar ao qual todas tivemos que ir antes de sermos aceitas; um lugar que não é um claustro, embora assim o chamem. Um lugar onde ouvimos os grilos pela primeira vez e não sabemos o que são, e achamos que é nossa mente perdendo o controle, pensamos que é o som da loucura. Um lugar onde as sombras dos monges espreitam,

suas vozes na noite, na escuridão. Algumas morrem, doentes de contaminação e pecado (de solidão). Isolaram ali a errante, e as servas a alimentaram porque são obrigadas a cuidar delas; ninguém se importa se elas se contaminarem e nenhuma indigna vai oferecer esse sacrifício. Se as servas se recusarem a cuidar delas, a Irmã Superiora pega o açoite.

A errante morreu; morreu tremendo e com os olhos cegos, cobertos por uma pátina branca. Sua língua estava preta. O corpo das corruptas é queimado no limite do pequeno bosque local, ao lado do muro. Acharmos que a serva que cuidava dela foi queimada viva, porque a Irmã Superiora não vai correr o risco de um contágio. Mas ninguém lembra quem era a serva, elas não têm nome. A errante poderia ter sido escolhida ou Iluminada, porque não tinha marcas de contaminação visíveis. Fiquei contente por não sobreviver.

Não entram homens nem crianças nem idosos na Casa da Irmandade Sagrada. Ele diz que morreram nas várias guerras ou de inanição ou de tristeza. Mas eu sei que os poucos que conseguiram chegar perto do muro foram mortos. Todas sabemos. A Irmã Superiora os matou pessoalmente. A Irmã Superiora os mata pessoalmente. É proibido tocar o sino quando o errante é homem; imediatamente avisamos a Irmã Superiora e ela nos ordena que nos tranquemos em nossas celas sem janelas. Sempre que o errante é homem, escutamos tiros. Nunca vimos mulheres velhas nem crianças para resgatar.

Uma das que estão enterradas no cemitério selvagem das hereges, das dissimuladas, uma das que já não têm nome nem lápide, só árvores e terra que cobrem sua aberração, uma dessas deixou um homem entrar. Não avisou a Irmã Superiora nem nenhuma de nós. Escondeu-o embaixo das tábuas do altar. Dava-lhe parte de sua comida e água. Escondeu-o muito

bem, durante muitas semanas, nunca se soube quantas. Mas um dia notamos que ela irradiava a aura p rfida da desgraça, a aura maliciosa da trai o. Pensou que com a t nica conseguiria disfarçar, mas notamos seu ventre inchado de pecado, de vício. Ela tentou fugir, mas tocaram os sinos e todas, servas e indignas, fomos busc -la. Não há escapatória. Nós a encontramos na Torre do Silêncio. Subiu a escada, abriu a portinhola e a vimos na parte superior; vimos que andava desesperada a céu aberto, onde estavam os ossos das escolhidas (os ossos que brilham na escuridão); vimos que se apoiava nas ameias e olhava para baixo medindo a distância entre ela e o chão, avaliando se seria melhor se jogar ao vazio ou implorar por sua vida; mas a capturamos.

Com dedica o e paciência, a Irmã Superiora a fez gritar, obrigou-a a uivar, até que ela confessou. Dizem que lhe arrancou algumas unhas ou alguns dentes. Ou todas as unhas e todos os dentes. Contam que rompeu vários açoites. Que gritava às servas para que trouxessem mais galhos. Mais, mais, mais. "Expia o de sangue", uivava. A fúria se transformou em um sussurro. Mais, mais, mais. A Irmã Superiora tremia. Mais, mais, mais. Bateu tanto nela que algumas acham que a matou. Não soubemos o que aconteceu com o homem que vivia embaixo do altar. Hoje, essa indigna está coberta de terra, absorvendo escuridão, no cemitério das infelizes negligentes. Todas concordamos que deveria ter se jogado da Torre do Silêncio.

Há muito tempo, eu também fui uma errante. Só me lembro dessa época em pesadelos e não recordo o que aconteceu antes. Só sei que cheguei quase morta porque ela me contou. Arrastei meu corpo até a porta principal, mas não pude tocá-la. Quem abriu foi ela, Helena, a adoradora do Deus equivocado, do filho falso, da mãe negativa, a que agora apodrece sob a terra, com a

boca aberta. A que teve compaixão suficiente. Ela me disse que me havia visto desde o campanário, ao longe, rastejando. A sonhadora, a imprudente. Tocou o sino e avisou à Irmã Superiora, que decidiu não abrir a porta, deixar-me ali jogada porque me considerava moribunda, uma perda de tempo. Mas ~~a~~ <sup>audaz</sup>, a indisciplinada, esperou até ficar sozinha, abriu o portão, pegou-me pelos pulsos e me arrastou sem ajuda. Apoiou minha cabeça no muro e me deu água, pouca. Teve essa delicadeza, esse cuidado. Beber muita água teria me feito mal.

Quando consegui me levantar, caminhamos até o Claustro da Purificação, perto da Torre do Silêncio e da Granja de Grilos. Ela ficou comigo, alimentando-me e correndo o risco de um contágio. A Irmã Superiora a castigou com um mês de trabalhos desonrosos por causa da desobediência, mas não a matou, porque viu em mim uma candidata a escolhida ou Iluminada. Helena limpou privadas, tratou as chagas de algumas servas, cortou lenha, massageou os pés da Irmã Superiora, teve que se dedicar a fazê-la suspirar. Sei que se sacrificou com alegria, sei que nunca me recriminou.

Eu me pergunto se a silhueta que vi ~~no bosque~~ entre as árvores foi real ou se a imaginei.

Ele disse que, para sermos Iluminadas, tínhamos que deixar de ser moradoras do pó, emissárias da imundície, um ferredouro incessante de mal-entendidos, um derramamento de transgressões. Advertiu-nos que percebia a doença lutuosa escondida em nosso corpo. María de las Soledades riu. Conjecturamos que estava rindo por causa da palavra lutuosa, que lembrava frutuosa, luxuriosa. Ele parou de falar. A Irmã Superiora desceu do altar a uma velocidade desconcertante e colocou o cilício

sobre a boca de María de las Soledades, devagar, com capricho e dedicação. Enquanto o colocava, os músculos de seus braços ficavam marcados, vi a satisfação nos olhos dela e notei essa beleza aterradora que sempre me aturde, me cativa como me acontece com as tempestades. Quando amarrou as pontas na nuca de María de las Soledades, os espinhos de arame se cravaram em seus lábios.

Ninguém tornou a olhá-la, mas sabíamos que o sangue escorria de sua mandíbula até a túnica, que fechava os olhos para tentar conter as lágrimas, para não gritar de dor. Sabíamos que teria que usar o cilício, a marca da infâmia, por uma semana ou mais, e que nenhuma de nós se ofereceria para desinfetá-la nem lhe dar coisas líquidas para comer, porque todas sabemos (sussurrámos) que María de las Soledades tem cheiro de produtos químicos, de gordura rançosa, de vegetais em decomposição. Achamos que não merece estar entre nós, que há algo doentio em María de las Soledades, algo contaminado. Certamente alguma serva ou uma das fracas seria obrigada a cuidar dela, mas isso não nos importava. Enquanto seu martírio durar, vamos julgá-la em silêncio.

Chovia. As gotas deslizavam pelos vitrais da Capela da Ascensão. Imaginei cada uma delas contendo um pequeno universo resplandecente, absorvendo as cores do vitral. Os diversos tons de verde do jardim voluptuoso, o azul-celeste, o amarelo, o violeta das flores e o branco do cervo que parecia lacrimejar. O animal tem uma galhada majestosa e, em cada terminação, em cada ponta desses chifres, que parecem uma árvore, há símbolos circulares que não entendemos. As gotas brilhavam como células suspensas. Toquei a veia azul saltada em meu pulso e desejei que meu sangue retivesse a luz do mundo.

Purificar.

As gotas caíam pelos vitrais manchados de tinta preta. Os vitrais com as imagens do Deus equivocados, do filho falso, da mãe negativa, esse Deus que não soube conter a avareza e a estupidez de seu rebanho, que deixou que envenenassem o cerne da única coisa que importava. Não se deve citá-lo nem olhar para esse Deus que nos deixou à deriva em um mundo intoxicado.

Mariel entrou na Capela da Ascensão devagar, com a cabeça baixa e a túnica manchada. Tinha duas auréolas à altura do peito. Sabíamos que era sangue, porque Lourdes cravou a agulha nos mamilos dela. Quando me contaram, apertei os punhos tão forte que machuquei as palmas das mãos. Nunca teria pensado nisso. Mariel tinha na mão uma rosa preta feita de papel, o que significava que alguém havia morrido. Algumas derramaram lágrimas disfarçadas, mas eram de felicidade, porque um funeral implica dias de preparativos e doces deliciosos.

Quando a Irmã Superiora viu Mariel, levantou-se, e a perdemos de vista por minutos que pareceram intermináveis. Depois, soaram os sinos anunciando uma morte e nos levantamos em silêncio. Devia ser uma das Santas Menores. Eu queria que fosse. Rezei. Implorei com todo o meu coração ainda possuído, meu coração indigno.

Enquanto voltava para minha cela, passei pela de María de las Soledades, cuja porta estava aberta. Vi que apertava a cabeça de Élide com um pé. Élide estava jogada no chão e suplicava com gritinhos, porque não fala o idioma da Irmandade Sagrada, nosso idioma, que algumas têm que aprender quando chegam. Ela o estava aprendendo e gritava palavras como solte-me, favor, suplico eu, oferenda, sim?, eu cuidar de você. Era engraçado ouvir as poucas vezes que tentava falar. María de las Soledades parecia estar sorrindo, embora não pudesse mexer

a boca. Havia gozo em sua expressão enquanto, com o sapato, apertava um pouco mais a cabeça de Élide, que chorava. Maria de las Soledades havia encontrado sua fraca e queria vê-la sofrer. Ela me olhou e sustentei seu olhar, julgando-a em silêncio, até que baixou os olhos.

Quando estou em minha cela, não posso evitar olhar a cama vazia, sem lençóis. Helena não está mais ali, mas não sinto falta dela. Não se pode sentir falta de alguém que supurava indecência, descontrole. Era uma adoradora do Deus equivocada. Uma extraviada. Também não sinto falta de sua beleza, que era como uma garra nos acariciando devagar. Às vezes, eu me deito em sua cama e durmo pensando no que teria acontecido se ela não tivesse encontrado os papéis em que escrevo. Leu cada frase profana, cada palavra proibida escrita sobre sua voz, seu magnetismo impuro. Tive que me livrar da prova.

Todas as manhãs, eu me levanto e tento sentir seu cheiro, um cheiro como uma música, como um incêndio no qual desejamos ser queimados. Mas não o sinto mais.

Ninguém mais pronuncia seu nome. Foi difícil lembrar onde estava o túmulo sem identificação nem flores. O túmulo estéril da transviada. Não consigo escutar os gritos, as súplicas que foram desaparecendo à medida que a terra caía sobre ela. Não sei se aquela noite fui ao cemitério das astutas, das obstinadas, das hereges, onde os túmulos desaparecem entre as árvores. À terra das indômitas. Não sei se foi tudo um sonho.

Estava descalça e me escondi nos meandros para não cruzar com a Irmã Superiora. O frio e a dureza das lajotas se cravaram nas solas de meus pés e, depois, senti a suavidade da grama molhada, as gotas em meu cabelo. Não entendo como atravessei o jardim, não entendo como não tropecei nos baldes que usamos para recolher a água da chuva, não entendo como

cheguei ao parque e fui além, até o limite dos muros, onde a grama vira mato e as árvores, algo parecido com um bosque jardim selvagem. Não sei se sonhei comigo mesma na chuva, perdida, contando as árvores na escuridão, tentando lembrar onde estava, procurando a árvore com o buraco, nossa árvore. Nosso refúgio escondido na mata fechada. Lá estava, enterrada ao lado dessa árvore, de nossa árvore, tocando suas raízes. Não sei se cavei pedindo-lhe perdão, chorando. Quando a encontrei, sua boca aberta estava cheia de terra. Deitei-me a seu lado. Gritei. Pensei sentir seu cheiro mesclado ao da terra molhada. Não lembro se antes de beijar seus olhos, antes de tirar a lama de sua boca e fechá-la, antes de cobri-la, se pus em seu pescoço a correntinha com a cruz de ouro que havíamos encontrado dentro do colchão e que, tão zelosamente, quisera esconder. Não sei se dormi no mato. Voltei para minha cela sem ser descoberta, não sei como.

Tocam o sino de luto. Temos que colocar o véu e ir para o jardim. Antes, vou juntar as mãos e pedir que a morta seja uma Santa Menor. Vou supl

Ele nos olhou em silêncio lá do campanário, ou foi o que achamos. Vimos uma silhueta preta emoldurada pelo céu iridescente. A cúpula refratava as luzes e ele parecia cercado de um arco-íris espectral, mas não podíamos confirmar se era Ele. Os véus permitiam adivinhar as figuras e as cores. A Irmã Superiora ordenou que nos ajoelhássemos. O frio da terra atravessou a túnica e subiu por minhas pernas. Baixamos a cabeça, mudas, pacientes. Primeiro, escutamos o som radiante de um mar verde e translúcido. Eram as folhas das árvores balançando ao vento. Depois, disse: “Vocês são lobas que

engendram peçonha, um batalhão fecundado pela perdição e pela atrocidade, um saco de podridão fétida, um viveiro de criadoras de infâmias. Indignas. Homicidas.” Sua voz ecoava dentro de nosso corpo, como se não estivesse nas alturas, como se sua presença abarcasse todo o jardim. Como se estivesse em todos os lugares. “Uma das Santas Menores foi assassinada e roubaram seu Cristal Sacro.” Um silêncio denso e irreal caiu sobre nós e, como se nosso assombro pudesse deter o movimento natural do mundo, as folhas das árvores pararam de se agitar. O grito dramático e calculado de Lourdes nos tirou do transe. Foi seguido por gemidos, prantos, clamores. Desmaios. Algumas batiam no peito, outras cravavam as mãos na terra suplicando perdão. Puxavam os cabelos, arranhavam o rosto, deixando marcas profundas. Eu sorri por trás do véu.

Uma brisa gelada nos fez tremer. Havia um cheiro de frio (retrogosto da névoa), mas estava calor. A Irmã Superiora levantou-se e nos olhou por um longo tempo. Atenta, observou o espetáculo da dor fingida. Quando me olhou, fingi um desmaio. Ela disse chega, de maneira quase inaudível, mas a palavra foi como um dardo que nos feriu uma a uma. Ficamos estáticas, e a seguir nos recompusemos, ficamos em pé, ajeitamos as túnicas e a escutamos. Ela tirou o véu e algumas cobriram a boca com as mãos. Tirar o véu é proibido, castigam-nos, somos obrigadas a andar sobre vidro. A Irmã Superiora aproximou-se de Catalina e lhe indicou que o levantasse. Entendemos que tínhamos que a imitar. A Irmã Superiora esperou que estívéssemos todas com o rosto descoberto para agitar um sininho que levava no bolso da calça. Olhamo-nos sem entender o que estava acontecendo. Aquele sino era novo.

Uma das servas entregou um açoite à Irmã Superiora. Era um galho flexível, doloroso. A serva disfarçou um sorriso, porque

sabia que alguém ia gritar. A Irmã Superiora os seleciona especialmente para que sejam resistentes, para que durem o máximo possível. Adentra aquele lugar que denomina ~~bosque~~ para procurá-los. Aquele lugar que começa quando termina o jardim que fica à esquerda da Casa da Irmandade Sagrada, do lado oposto ao Claustro da Purificação, à Torre do Silêncio e à Granja dos Grilos. A Irmã Superiora passa horas escolhendo os galhos para nos bater, testa-os nos troncos das árvores, nos quais deixa chagas, lesões que supuram sangue translúcido: vermelho, verde, âmbar. Para castigos especiais, usa um dos açoites de couro com que os monges se flagelavam. É um açoite antigo, com nove correias de couro.

As servas trouxeram Mariel, com as mãos amarradas e descalça. Escutei sussurros e gritos abafados, mas a Irmã Superiora mexeu levemente a cabeça e nos calamos. Estava com a camisola branca manchada de sangue. Certamente cravaram mais agulhas em seus mamilos como castigo, porque Mariel era a responsável por cuidar das Santas Menores durante as cerimônias; por isso, agora teria que expiar com seu sangue. A camisola branca (cada vez mais vermelha) deixava ver suas formas e, embora estivesse amordaçada, os gritos eram ouvidos com clareza. Gritava algo em um dos idiomas proibidos na Casa da Irmandade Sagrada. Só discerni palavras, frases soltas que me atrevo a escrever como as escutei: *salú Mari, plen de gras, tu e beni antre tutlé fam*. Tinha os pés sujos de terra. Havia posto nela uma touca branca que lhe cobria a cabeça; haviam raspado o pouco cabelo que tinha, para que a humilhação fosse maior. Tremia. Eu me perguntei qual seria o cheiro do medo. Pensei que não é possível percebê-lo, porque é como congelar por dentro.

Por baixo da camisola, estava nua.

A Irmã Superiora se aproximou e lhe bateu na boca, porque a oração proibida no idioma proibido estava se tornando cada vez mais clara. Mariel fez silêncio por um segundo, mas continuou implorando baixinho à mãe negativa do filho falso do Deus equivocado. Isso enfureceu a Irmã Superiora, que, com raiva, girou-a e lhe arrancou a camisola, que caiu no chão. Todas cobrimos a boca, fingindo estar horrorizadas pelo espetáculo que conhecíamos bem. Mariel tremia. Vimos as agulhas cravadas, vimos os fios vermelhos, quase pretos. Disfarçadamente, algumas cobriram o peito com as mãos para protegê-lo (como se isso fosse possível).

A Irmã Superiora gosta de gerar expectativa, de não deixar que saibamos quando dará o primeiro golpe sobre a pele, quando teremos que expiar com o sangue. Quer nos educar na arte da agonia.

Um: o som do açoite foi leve, quase imperceptível, mas deixou uma marca em carne viva nas costas de Mariel, de onde caíram as primeiras gotas de sangue.

Três: feridas abertas, vermelho-vivo.

Seis: os gritos de Mariel nos aturdiavam, mas por baixo deles podíamos escutar a mudança sutil na respiração da Irmã Superiora, o ritmo que se acelerava, que se transformava em outra coisa. Em um gemido.

Oito.

Dez. A expiação.

Dez acoitadas significavam pele rasgada, febre, infecções, talvez a morte. Cobrimos os olhos com as mãos. Não queríamos ver a queda, mas Mariel não pôde se sustentar em pé e caiu ajoelhada no chão. Pensamos que havia acabado. Mariel também devia ter intuído isso. Talvez tenha sentido certo alívio, mas a Irmã Superiora ordenou que a levantassem.

As servas a amarraram a uma viga cercada de galhos e troncos e puseram fogo.

Era deslumbrante. Parecia um pássaro flamejante.

Mariel não matou, mas Mariel ardeu em chamas. Esse é o mantra que murmuram as servas, as servas que não têm nome. As servas sussurram peçonha porque levam no corpo as marcas, os sinais de terem estado contaminadas e, apesar de não mais poderem nos infectar, devem trabalhar para limpar nossa sujeira e a sujeira que corre por suas veias. Elas nos odeiam por isso, porque têm que nos servir. As marcas das pústulas, das chagas, das infecções. As erupções cutâneas são a sujeira do mal, a sujeira do colapso, a sujeira do fracasso. A sujeira que absorveram da terra doente e que deixou nelas estigmas permanentes, para que não esqueçamos que a corrupção está à espreita, e as Iluminadas são as únicas que a apaziguam. A sujeira que se aninha na pele das servas, nas células, é a raiva do mar, a fúria do ar, a violência das montanhas, a indignação das árvores, a tristeza do mundo.

Usam túnicas velhas, rasgadas. Túnicas desbotadas, sem cores definidas. Dormem onde um dia foi a biblioteca dos monges. Mas já não há livros. Não têm camas, só mantas que jogam no chão. Entrei uma única vez, por curiosidade, mas saí enojada. Senti cheiro de raiva, como se houvesse espinhos no ar, mas não fui embora por isso. Saí porque, quando vi as estantes sem livros, fiquei sem ar e senti uma dor aguda no peito, mas não sei explicar por quê.

Não são castigadas o suficiente.

## AS INDIGNAS



Depois do grande apagão, o mundo desabou e a fé virou cárcere.

Quase nada restou: nem animais, nem cidades, nem luz. Em meio ao frio cortante e ao calor que sufoca, um grupo de mulheres vive isolado na Casa da Irmandade Sagrada, submetido às ordens implacáveis da Irmã Superiora e à presença invisível de uma entidade que todos chamam apenas de **Ele**.

Uma delas decide registrar tudo às escondidas – com tinta roubada, com terra, com o próprio sangue – para que alguém, um dia, descubra o que acontece atrás daqueles muros: rituais, castigos, promessas de iluminação e um terror silencioso que se disfarça de devoção.

E a chegada de uma nova “indigna”, vinda de um mundo em ruínas, começa a abrir fendas na crença que as mantém submissas. Conforme a amizade entre as duas cresce, também aumentam as dúvidas: quem são, de fato, as “Iluminadas”? O que existe por trás das portas proibidas? E por que ninguém lembra do passado antes de entrar ali?

A autora do fenômeno *Saboroso cadáver* retorna com uma distopia arrebatadora sobre fanatismo, violência e sobrevivência – um horror lírico e visceral que desmonta falsas divindades e ilumina, com ferocidade, o poder subversivo da solidariedade.

Neste convento tomado pelas sombras, a verdade pode ser a única forma de escapar. Ou a mais perigosa.

TUSQUETS  
EDITORES



9 785442 242812 DO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.